

VANZAS E DARJIS E OUTROS GUJARATIS DE DIU E OUTRAS COMUNIDADES DE ORIGEM HINDU DO ESTADO DE GUJARAT, EM PORTUGAL

Os Vanzas e Darjis e os outros Gujaratis (Suthar, Khania, Koli e pessoas das aldeias que fazem fronteira com Diu, Fudamia, Kharva) de Diu e as outras comunidades Gujarati de origem Hindu do Estado de Gujarat (Lohana, Brahmin, Dhobi, Valand) que residem em Portugal, migraram da Índia para Moçambique principalmente nos últimos cem anos. Este movimento segue duas tendências históricas no oceano Índico: migração geral do subcontinente indiano para a África Oriental, devido à procura de trabalho e migração específica de colónias britânicas e portuguesas para domínios coloniais britânicos e portugueses em África. Embora milhares de Hindus em Moçambique provenham de Diu e Goa (ex-colónias portuguesas na Índia), outros milhares vieram de várias cidades do Gujarat, que estavam sob domínio britânico, seja para Moçambique ou para outros países da África Oriental.

Expulsão dos indianos, de Moçambique

Em resposta à anexação indiana de Goa de 1961, os portugueses detiveram todos os cidadãos indianos em Moçambique em campos de concentração e congelaram suas contas bancárias por ordem do ditador português, António de Oliveira Salazar. Os portugueses, de facto, esperavam usar estes prisioneiros como moeda de troca para libertar os 3,200 portugueses que haviam sido capturados em Goa. Entre outros efeitos, isso estimulou muitos muçulmanos que inicialmente escolheram a nacionalidade indiana a mudar sua fidelidade para o Paquistão.

Um número significativo de indianos ainda enfrentou a expulsão do país, embora os proprietários de grandes empresas comerciais tenham sido poupados desse destino devido às suas relações simbióticas com a elite portuguesa: eles negociaram liberdade económica para apoio político. Mesmo após a cessação das hostilidades em Goa, os cidadãos indianos em Moçambique continuaram a enfrentar restrições pelo governo colonial. Alguns optaram por se reinstalar em outros países do Sudeste da África. Mais tarde, na década de 1970, à medida que o processo de descolonização começava e até o fim do domínio português se aproximar, os sul-asiáticos começaram a deixar o país em maior número; a saída foi especialmente significativa entre os ismaelitas, que foram convidados a sair pelo Aga Khan IV. Alguns voltaram para o Paquistão ou a Índia, enquanto outros se reestabeleceram em Portugal.

Em contraste, grandes proporções de Sunitas e Hindus ficaram em Moçambique após a independência. Um padrão típico, era que um membro da família se sacrificasse e permanecesse no país para enfrentar os perigos de continuar a fazer negócio, enquanto que os outros se mudavam para países vizinhos, para Portugal ou para o sul da Ásia.

Migração de Vanzas e Darjis e de outras comunidades Gujarati de Diu e do estado de Gujarat, de Moçambique para Portugal

Após a independência de Moçambique, em 1975, os Vanzas e Darjis e outras comunidades Gujarati de Diu e do estado de Gujarat começaram a migrar novamente, desta vez para Portugal. A grande maioria veio no início da década de 1980 no contexto do agravamento da guerra civil, mas essa migração começou já na data da independência e os comerciantes abriram as suas lojas em Lisboa a partir do final da década de 1970.

Nos primeiros anos em Portugal, alguns Vanzas e Darjis e outros Gujaratis de Diu moravam nos bairros da Quinta da Holandesa e da Quinta da Vitória, bairros de construção informal, onde construíram suas

próprias casas. A Quinta da Holandesa e a Quinta da Vitória eram, naquela época, os maiores aglomerados habitacionais de famílias Vanza e Darji e outros Gujaratis localizados em áreas muito centrais de Lisboa. O bairro da Quinta da Vitória, na Portela, perto do aeroporto internacional, foi habitado não só pelas famílias Vanzas e Darjis e outros Gujaratis (mais de 200), mas também por famílias de origem rural portuguesa e de antigas colónias africanas portuguesas (Cabo Verde, Angola, São Tomé, Guiné), totalizando cerca de 250 famílias. Os Gujaratis, principalmente de Diu, formaram a maioria da população da Quinta da Vitória. Ao longo dos anos, as relações entre os Gujaratis e outras populações no bairro eram pacíficas, e os Gujaratis eram conhecidos localmente por "não incomodar ninguém". A maioria das famílias foi realojada sob um importante acordo político de habitação social. Devido a este processo, 30 famílias Gujarati deste bairro foram realojadas nas proximidades, num bairro chamado Alfredo Bensaúde. Como o programa de reinstalação não beneficiou de imediato todos os residentes, algumas famílias Gujarati da Quinta da Vitória renunciaram o processo de realojamento e optaram por migrar para a Grã-Bretanha. As famílias desses bairros eram principalmente de pedreiros e carpinteiros. Em meados da década de 1990, os moradores da Quinta da Holandesa foram realojados no Armador, localizado em Marvila, Vale de Chelas, onde também milhares de pessoas que residiam nos vários bairros de construção informal de Lisboa, se reestabeleceram. O bairro do Armador, construído ao abrigo do PIMP (Programa de Intervenção a Médio Prazo), teve o seu realojamento iniciado em 1995 e concluído em 1999, tendo a sua gestão sido entregue à GEBALIS (empresa de Gestão dos Bairros Municipais de Lisboa) em Novembro de 1996.



Famílias estabelecidas na Quinta da Holandesa. Foto, cortesia do Shreeman Vinesh Santilal.



Famílias estabelecidas na Quinta da Vitória. Foto, cortesia do Shreeman Bharat Getalal.



O bairro do Armador, onde os moradores da Quinta da Holandesa e de outros vários bairros de construção informal de Lisboa, foram realojados.



O bairro, Alfredo Bensaúde, onde os moradores da Quinta da Vitoria e de outros vários bairros de construção informal de Lisboa, foram realojados.

Algumas das famílias Vanzas e Darjis e outros Gujaratis também se estabeleceram em Santo António dos Cavaleiros. Naquela época, esta era uma nova área suburbana no nordeste de Lisboa habitada por uma população diversificada, de diferentes países e com vários contextos culturais, religiosos e migratórios. Seus vizinhos vieram não apenas de antigas colónias portuguesas africanas, mas também de outras rotas migratórias, provenientes dos países do sul da Ásia no final da década de 1990 (assim como os hindus, existem muçulmanos, sikhs e cristãos da Índia, Paquistão e Bangladesh). Muitos dos outros Vanzas e Darjis e outros Gujaratis também se estabeleceram em cidades como Almada, Laranjeiro, Amora e Barreiro, localizadas na margem sul do rio Tejo, no lado oposto de Lisboa. Algumas famílias também se estabeleceram no Porto e em Coimbra. Além dos pequenos núcleos Gujarati do Porto e Coimbra, é na área da Grande Lisboa, onde a grande maioria da população Gujarati está concentrada.

Composição da Comunidade Hindu de Santo António dos Cavaleiros

Os Hindus que vivem em Santo António dos Cavaleiros constituem uma comunidade altamente heterogénea do ponto de vista socioeconómico. É composta por pessoas de vários pontos do Gujarat, alguns dos quais são originários da ilha de Diu e outros da província de Saurashtra, no sul do Gujarat (cidades como Rajkot, Porbandar ou Junagadh) e, portanto, com diversos grupos sociais e referências culturais. As famílias de Diu, e famílias mercantis de outras áreas do estado de Gujarat compartilham o mesmo espaço residencial, bem como um local de culto comum, o Templo de Shiva. Os Gujaratis dispersaram-se de Santo António dos Cavaleiros, pela colina acima até à Cidade Nova e também, em uma perspectiva ascendente, para as Torres da Bela Vista, que são separadas dos bairros anteriores por um vasto planalto. Devido aos recentes problemas económicos do país, quase metade deles migrou para o Reino Unido, Brasil, até mesmo para Moçambique, Angola e outros lugares, em busca de melhores oportunidades.



Santo António dos Cavaleiros, uma área suburbana no nordeste de Lisboa, habitada por uma população diversificada, de diferentes países e com diferentes contextos culturais, religiosos e migratórios.



Amora, cidade e freguesia do concelho do Seixal e do distrito de Setúbal, parte da área metropolitana de Lisboa, onde muitas famílias Hindus se estabeleceram.



Nesta fotografia, pode-se ver uma família que migrou de Moçambique e se instalou no Porto. Sentados, da esquerda para a direita podemos ver o Shreeman Chotalal Jamnadas (de visita), a Shreemati Suhassini Cantilal, a Shreemati Varsa Cantilal, a Shreemati Dhimant Cantilal e a Hetal Taruncanta. Podemos ainda ver, de pé, da esquerda para a direita o Shreeman Dr. Diviacante Cantilal, a Helma Bhoguendra, o Shreeman Bhoguendra Chandracante e o Shreeman Taruncanta Parbudas. Foto, cortesia da Shreemati Dhimant Cantilal.



Nesta fotografia, pode-se ver uma família que migrou de Moçambique e se instalou no Porto. Da esquerda para a direita, podemos ver o Shreeman Nilesh Nautamlal, a Shreemati Dra. Pratima Isvarlal, o Shreeman Piyush Babu e o Shreeman Nautamlal Babu. Foto, cortesia da Shreemati Dra. Pratima Isvarlal.

Perfil socioeconómico

Embora muitas das famílias Vanzas e Darjis e outros Gujaratis tenham migrado mais uma vez durante a década de 1990 e início dos anos 2000, desta vez principalmente para o Reino Unido, outros preferiram ficar em Portugal. É importante notar que os Vanzas e Darjis e os Gujaratis são profissionais em vários sectores da sociedade portuguesa: serviços, educação, medicina e engenharia. Outros trabalham na construção. A maioria dos Gujaratis em Portugal é retalhista ou grossista e alguns servem como trabalhadores qualificados ou não qualificados. Além disso, muitos Gujaratis também ocupam empregos de colarinho branco. A principal ocupação dos Gujaratis é o comércio. É uma actividade que abrange diferentes áreas com negócios fixos e itinerantes: eletrodomésticos, alimentos, roupas, relógios, perfumes, papelaria, jóias, utensílios domésticos, restaurantes e mini-mercado. Apesar do abandono das actividades familiares tradicionais entre a maioria dos Gujaratis, alguns ainda preservam essas especializações. Assim, entre as famílias de sapateiros, pedreiros e alfaiates, alguns indivíduos mantêm sua actividade tradicional: os sapateiros costumam ter seus próprios estabelecimentos e pedreiros trabalham em construção. Os alfaiates, trabalham principalmente para clientes indianos, fazendo trajes tradicionais, mas isso geralmente não é a única actividade do lar. Alguns membros da família Brahmins (sacerdotes) e barbeiros, em particular,

oferecem os seus serviços em momentos rituais. Shri Kirit Shantilal Shukal, originário de Diu e que migrou de Moçambique para Portugal, foi um dos primeiros sacerdotes a oferecer os seus serviços para a vasta comunidade Hindu, durante os seus ritos de passagem como o nascimento, o casamento e a morte. Ofereceu os seus serviços também para a leitura de katha e a execução de yagya. Shri Shastriji Ramniklal Jivabhai Dave, originário de Porbandar, actualmente residente em Leicester, no Reino Unido, ofereceu os seus serviços sacerdotais em Portugal, nas décadas de 90 e 2000, em que também constava a leitura de Shreemad Bhagvatam.



Katha e Yagya conduzidos por Shri Kirit Shantilal Shukal nas instalações do Jai Ambé Mandir, situado na Quinta da Vitória. Foto, cortesia da Rita Ávila Cachado



Shashtriji Ramniklal Jivabhai Dave, em 2010, na ocasião da visita do ministro da Índia, ao templo de Radha Krishna. Foto, cortesia da Shreemati Jagruti Mukesh Purohit.

Lojas antigas de Gujaratis, encontram-se espalhadas por todas as áreas de Lisboa e suburbanas. Uma das áreas onde os Gujaratis têm lojas, é o Martim Moniz (perto do centro da cidade). A Praça Martim Moniz, está situada entre dois centros comerciais onde as lojas são geridas principalmente pelos sul-asiáticos, chineses e pessoas de várias origens africanas. Martim Moniz é também o ponto de junção de uma série de ruas que no início dos anos 80 estavam cheias de lojas de Gujaratis: pequenas ruas como a Rua do Bemformoso e a Rua dos Cavaleiros. Há a papelaria Gujarati, o sapateiro Gujarati, o ourives Gujarati, a retrosaria Gujarati, o quiosque Gujarati, o cabeleireiro Gujarati, as mercearias Gujarati; e a Rua da Palma, seguida pela Avenida Almirante Reis, tem um grande número de lojas antigas de móveis, pertencentes a Ismailis, que foram fechadas ou substituídas por lojas chinesas ou, embora abertas, possuem letreiros indicando que estão à venda ou para arrendamento.

Os Vanzas e Darjis e outros Gujaratis em Portugal mantêm uma intensa rede de trocas com Índia através de correspondência postal, telefonemas ou contacto electrónico, bem como um fluxo permanente de pessoas, que viajam entre os dois países.



O bairro da Mouraria, em Lisboa. Muitos comerciantes Gujaratis instalaram-se neste pitoresco bairro da capital portuguesa.



Praça Martim Moniz. A praça é o centro do bairro mais multiétnico da cidade e onde é possível encontrar vários quiosques com toldos, servindo agora os sabores culinários das várias culturas do bairro (chinês, indiano, africano, entre outros).



A Rua do Bemformoso. Muitos comerciantes Gujaratis instalaram-se na Rua do Bemformoso.



A loja do proprietário, Sr. Júlio Jaicante Pramodrai, localizada no Centro Comercial Cidade Nova. Foto, cortesia do Shreeman Júlio Jaicante Pramodrai.



A loja do proprietário, Sr. Anjai Jassantilal, localizada na Avenida do Brasil, 46A, em Alvalade, Lisboa onde se encontra artigos de papelaria, brindes, electrónica e presentes. Foto, cortesia do Shreeman Anjai Jassantilal.

Língua

Os Vanzas e Darjis e os Gujaratis mantêm sua língua tradicional, o Gujarati, embora a segunda e a terceira geração tenham dificuldade em falar e ler fluentemente em Gujarati. Para abordar esta lacuna entre os jovens Gujaratis, instituições religiosas abriram escolas para o ensino da língua Gujarati, de modo a que a língua tradicional dos seus pais e avós, persistisse. O Gujarati, também é ministrado em cinco escolas que foram disponibilizadas gratuitamente, aos sábados, pelas freguesias de Lisboa (Areeiro, Chelas, Olaias), Amadora e Loures (Portela e Santo António dos Cavaleiros), sob os auspícios de DREL - Ministério da Educação. Entre as gerações anteriores, particularmente entre as mulheres, a língua gujarati é privilegiada, sendo a língua portuguesa relegada a um papel secundário. Os jovens são fluentes na língua portuguesa. Existe o hábito de alternar entre os diferentes idiomas durante a mesma conversa e, muitas vezes, o inglês também desliza.

Centros religiosos e associações culturais

A Comunidade Hindu desenvolveu-se em Portugal a partir de 1975, como consequência da descolonização de Moçambique, englobando aproximadamente 9.000 membros e cerca 800 sócios efectivos, residentes nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e, na sua maioria, oriundos de Moçambique e alguns do Estado de Gujarat pertencentes à Índia Portuguesa.

Antes do começo da sua actividade, em 1976 foi criada uma Comissão Instaladora Ad-Hoc para a criação e organização de eventos culturais, recreativos, religiosos e para manter contactos com as entidades oficiais no sentido de resolver os assuntos que mais afligiam os Hindus.

Fez-se a Escritura Pública da fundação a partir de 14 de Janeiro de 1982, depois de reconhecidos os Estatutos notarialmente e publicados em sede de Diário da República, esta instituição tem vindo a desenvolver um árduo trabalho conjunto no sentido de preservar a sua identidade cultural e religiosa com a finalidade de dignificar os seus associados e simpatizantes, oferecendo-lhes o apoio necessário para uma melhor integração no novo meio sócio-cultural para o qual tiveram de transferir abruptamente as suas vidas.

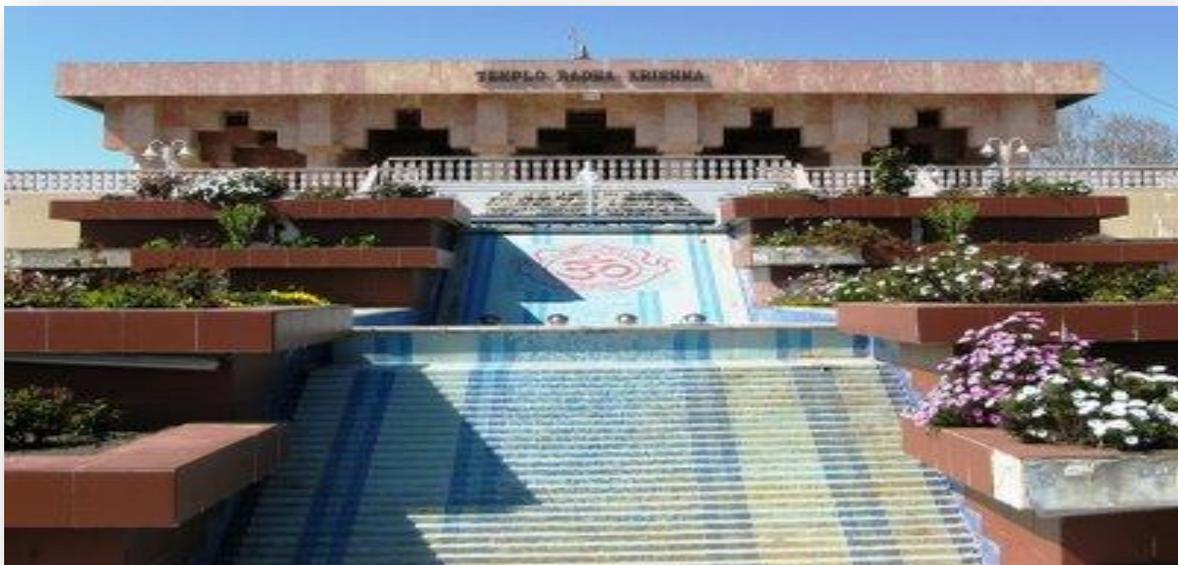
Em 1987, a Associação da Comunidade Hindu foi oficialmente reconhecida pelo Estado Português como uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), de Utilidade Pública e Sem Fins Lucrativos.

No final do ano de 1989, parte do sonho tornou-se realidade. Foi lançada a primeira pedra do Complexo da Comunidade Hindu de Portugal, pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng.º Krus Abecassis e para dar a sua bênção ao terreno, foi convidado o sacerdote, Shree Rameshbhai Oza, que veio directamente da Índia, e que se comprometeu a voltar aquando da inauguração do Templo Radha Krishna. Em meados de 1991, iniciaram-se as obras de construção da fundação. Em 1994, foram concluídos o Salão de Festas, parte do parque de estacionamento e escritórios.

As associações culturais e as instituições religiosas desempenham um papel fundamental na coesão das famílias Gujarati em Portugal. Além disso, elas funcionam como mediadores na sociedade. Desde o estabelecimento destas famílias em Portugal, o número de instituições aumentou consideravelmente.

Os Vanjas e Darjis e outros Gujaratis estão associados a diferentes templos que também são instituições culturais e recreativas que contribuem activamente para a identidade do grupo. O templo Hindu em Lisboa, mais conhecido pela população em geral, é Radha Krishna Mandir. Fundado em

1998, está localizado no Lumiar (norte de Lisboa), onde muitas famílias Hindus de toda a Grande Lisboa vêm para rezar. É um templo de tradição Vaishnava e é aqui que está situada a Comunidade Hindu de Portugal. Shri Kantilal Jamnadas, presidente da Comunidade Hindu de Portugal, foi a força motriz por trás do projecto. O templo é construído com lajes de mármore elaboradas por artesãos indianos e compreende uma arquitectura imponente, com um grande jardim que incorpora terraços e fontes. O templo é frequentado por pessoas de todas as famílias Gujarati em algum momento durante o ano e principalmente em ocasiões especiais, como casamentos e outros rituais importantes no calendário Hindu, por exemplo, o Navratri. Estes rituais são celebrados no amplo salão do mandir. O templo é visitado por cidadãos portugueses curiosos sobre a cultura Hindu. Também promove cursos tanto para Hindus como para não-Hindus em áreas como a dança clássica indiana e as habilidades da língua Gujarati e Hindi entre muitos outros. Também tem um restaurante vegetariano indiano aberto a todos.



O templo Radha Krishna.



O templo Radha Krishna.

A Comunidade Hindu de Portugal promove actividades de carácter religioso, cultural, educativo, social, desportivo e recreativo, sem fins lucrativos, por meio de contratos de bens e diversos serviços.

Desde 1986, a Comunidade Hindu de Portugal, inicialmente com o apoio da Cruz Vermelha Portuguesa e mais tarde com o Instituto Português do Sangue, comemora anualmente o aniversário de Mahatma Gandhi (2 de Outubro) com uma Campanha de Doação de Sangue que se estende por aproximadamente quatro dias.

De acordo com as tradições Hindus, o corpo do falecido, após o ritual das cerimónias funerárias, deve ser cremado e uma parte das cinzas imersa no rio ou mar, acompanhada de flores e orações. Não havendo unidade de cremação nos cemitérios de Portugal, a Comissão instaladora Ad-Hoc da comunidade Hindu e as autoridades locais chegaram a um acordo, e a unidade de cremação do Cemitério do Alto de São João foi activada em Setembro de 1985, após o trabalho de restauração ser realizado, sendo esta a primeira unidade de cremação entre outras do país.

Em princípios de 1989, depois de muito trabalho burocrático, foi possível solucionar os diversos problemas que giravam em torno do registo de nomes Hindus na Conservatória do Registo Civil, que após diversas diligências, reuniões com altas entidades oficiais ligadas ao assunto e a necessária sensibilização, foi possível desbloquear, através de um despacho emitido pelo Director Geral dos Registos de Notariado. A partir dessa data, todos os nubentes nascidos no país têm acesso ao nome Hindu desde que os vocábulos escolhidos pelos pais perfaçam os requisitos de estarem adaptados gráfica e foneticamente à língua portuguesa.



O Cemitério do Alto de São João, onde a unidade de cremação foi activada em Setembro de 1985.

A Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva (Shiva Temple Social Solidarity Association) foi formada em 1984 e tornou-se numa associação formal em 1991; seu membro fundador, o Sr. Eng. Chotalal Babulal (1937-2012), foi a força motriz desta associação; seu objectivo era construir um templo para a comunidade local. Em 2001, depois de Swami Satyamitranand ter abençoado a terra (bhumi-pujan), iniciou-se a construção de um pavilhão provisório, pendente da futura construção de um templo com as características arquitectónicas tradicionais dos templos do norte da Índia. Nessa ocasião, o presidente da câmara de Loures participou das cerimónias e expressou o seu respeito pela comunidade Hindu de Santo António dos Cavaleiros. Isso foi entendido pela comunidade Hindu como um acto de multiculturalismo religioso da parte do presidente da câmara. O pavilhão provisório foi inaugurado no verão de 2004. O templo expandiu a sua actividade e, entre a comunidade Hindu, houve uma expectativa e optimismo em relação a este novo local de culto. Anteriormente, apesar da inexistência de um espaço de culto próprio, a comunidade reunia-se em espaços alugados, como a Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros ou a Escola Secundária Humberto Delgado. A Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva, da qual o Sr. Kantilal Vallabhdas é o actual presidente, visa actividades de natureza religiosa, cultural, educacional, social, desportiva e recreativa.

O templo está aberto todos os dias. Suas actividades incluem pooja fixo às segundas. Nos dias de grandes festividades, como o Navratri, os Hindus locais e outros, provenientes das diversas localidades da região metropolitana de Lisboa, participam das celebrações religiosas no Templo de Shiva. Além disso, casamentos, cerimónias religiosas e programas culturais são realizados no templo. Este é também o espaço de reunião para grupos que desenvolvem actividades religiosas e culturais,

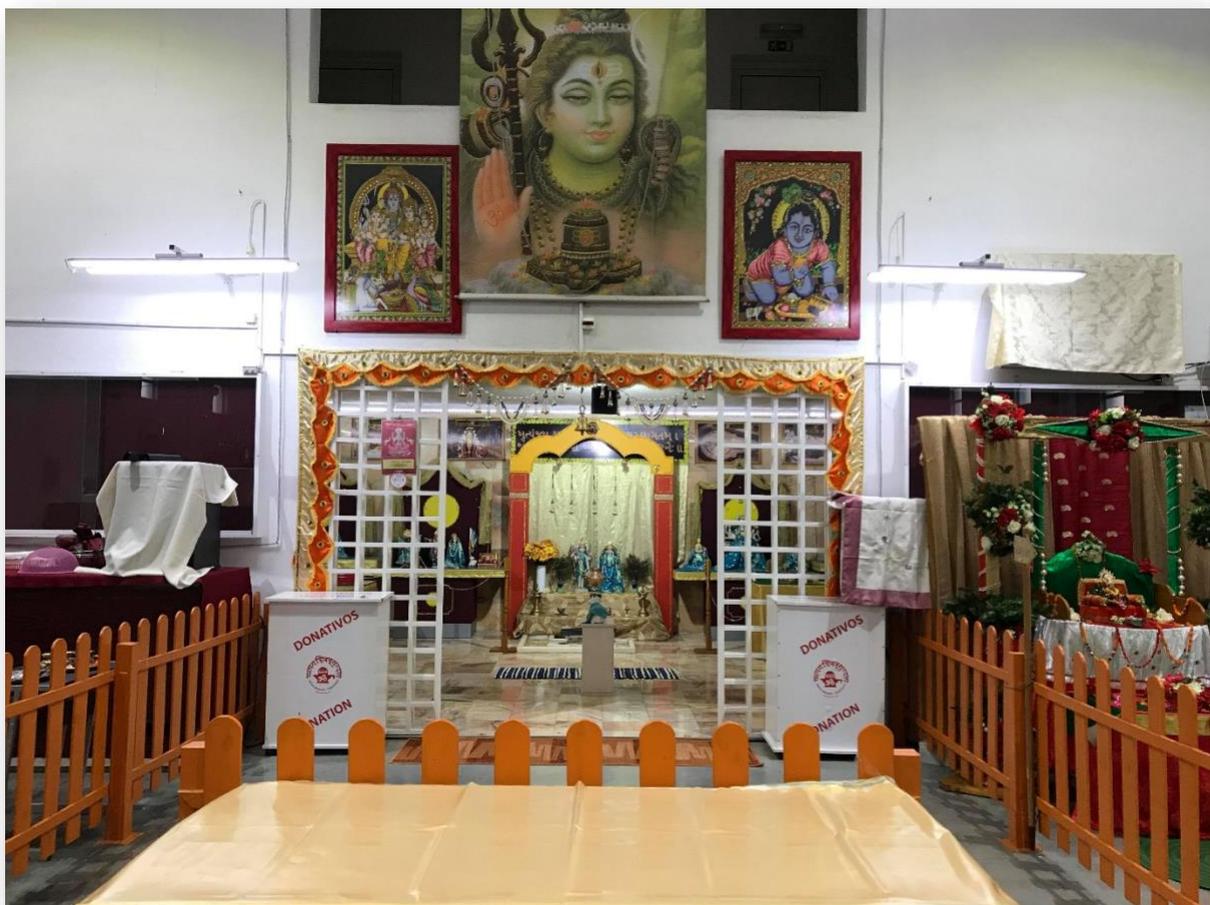
tais como: grupos de jovens, escola de Gujarati, ensaios de dança, grupo de mulheres e a gestão do próprio templo.

Em Julho de 1998, Loures e a ilha de Diu assinaram um Protocolo de Geminação e Acordo de Cooperação, baseado na afinidade histórica e cultural entre Portugal e a Índia. Os laços mantêm-se até hoje pela presença de uma numerosa comunidade indiana, oriunda de Diu, que vive e trabalha no concelho de Loures.

O Protocolo de Geminação e Acordo de Cooperação identifica as seguintes áreas de cooperação e intercâmbio a desenvolver: visitas recíprocas; desenvolvimento económico e do comércio; intercâmbios técnicos, cultura, educação e meios audiovisuais, desporto e desenvolvimento turístico.



O pavilhão provisório, localizado junto à Urbanização das Torres da Bela Vista e onde se encontra o Templo de Shiva.



O templo de Shiva. Foto, cortesia da Diya Dipac.



O Festival de Navratri celebrado no templo de Shiva.

Novo templo em Santo António dos Cavaleiros

Criado pelo arquitecto José Troufa Real, o projecto do Templo de Shiva, será construído num terreno, cedido pela Câmara Municipal de Loures, com 17 mil metros quadrados e localizado junto à Urbanização das Torres da Bela Vista. Este é um desejo da Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva, com mais de vinte anos, finalmente tornado realidade. A infra-estrutura incluirá vários espaços para actividades socioculturais e culto religioso, bem como um jardim memorial e um espelho aquático. O município apoia esta construção através do empréstimo de máquinas municipais e com um investimento de aproximadamente noventa mil euros. O Templo será erguido ao lado do antigo edifício construído pela associação e onde ocorrem os eventos socioculturais da comunidade Hindu.

Lançamento da primeira pedra da construção do novo Templo de Shiva

No dia 30 de Setembro de 2017, no espaço da Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva e na presença da embaixadora da Índia, Sua Excelência Sra. K. Nandini Singla, do Presidente da Confederação Portuguesa do Yoga, H. H. Jagat Guru Amrta Suryananda Maha Raja, dos sacerdotes Hindus e dos membros da comunidade Hindu, teve lugar o lançamento da primeira pedra da construção do novo Templo de Shiva, presidido pelo Presidente da Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva, Sr. Kantilal Vallabhdas. Um Yagya e Aarti antecederam esta cerimónia.



Yagya e Aarti no Templo de Shiva, aquando do lançamento da primeira pedra da construção do novo templo de Shiva. Foto, cortesia do Shreeman Champaclal Mulchande.



Yagya e Aarti no Templo de Shiva, aquando do lançamento da primeira pedra da construção do novo templo de Shiva. Na fotografia, podemos ver, o Presidente da Confederação Portuguesa do Yoga, H. H. Jagat Guru Amrta Suryananda Maha Raja, a embaixadora da Índia, Sua Excelência Sra. K. Nandini Singla, o Presidente do Templo de Shiva, Shreeman Kantilal Vallabhadas, os sacerdotes e os membros da comunidade Hindu. Foto, cortesia da Confederação Portuguesa do Yoga.



Yagya e Aarti no Templo de Shiva, aquando do lançamento da primeira pedra da construção do novo templo de Shiva. Na fotografia, da esquerda para a direita, podemos ver a Shreemati Anila Taruncanta, a Shreemati Hiteshri Carsandas, a Shreemati Asmukhi Bai Carsandas, o Shreeman Virendra Carsandas e a Shreemati Raguini Taruncanta. Foto, cortesia do Shreeman Champaclal Mulchande.



Lançamento da primeira pedra da construção do novo templo de Shiva. Na fotografia, podemos ver, a embaixadora da Índia, Sua Excelência Sra. K. Nandini Singla, o Presidente da Confederação Portuguesa do Yoga, H. H. Jagat Guru Amrta Suryananda Maha Raja, os sacerdotes e os membros da comunidade Hindu. Foto, cortesia da Confederação Portuguesa do Yoga.

O terceiro templo, Jai Ambé Mandir, era um local de culto situado na Quinta da Vitória. Jai Ambé Mandir foi construído logo após a chegada dos migrantes Gujarati a Portugal, em 1983, quando instalaram o murti da deusa Amba. Este murti, tinha sido transportado da aldeia de Fudam, na Índia, para Moçambique e depois para Portugal. O Templo existiu por mais de duas décadas, até 2004, quando foi transferido para o bairro de realojamento nas proximidades. O Jai Ambé Mandir foi o único templo da Grande Lisboa até 1998, aquando da abertura do Radha Krishna Mandir. O mandir serviu aos Gujaratis, residentes na Quinta da Vitória, para celebrarem as suas principais festividades durante quase 15 anos.



O Jai Ambé Mandir situado no bairro Quinta da Vitória. Foto, cortesia da Rita Ávila Cachado.



Bhajan e satsang, no Jai Ambé Mandir, situado no bairro Quinta da Vitória. Foto, cortesia da Rita Ávila Cachado.



O Festival de Navratri celebrado no Jai Ambé Mandir, situado no bairro Quinta da Vitória. Foto, cortesia da Rita Ávila Cachado.



O Jai Ambé Mandir situado no bairro Alfredo Bensaúde. Foto, cortesia da Shreemati Taruna Motichande.



O Jai Ambé Mandir situado no bairro Alfredo Bensaúde.

Nas restantes áreas, onde não existiam templos, as comunidades se reuniam em casas dos devotos. Na verdade, como todas as casas das famílias Hindu têm um templo doméstico, as famílias Gujarati sempre têm um lugar para oferecer devoção às divindades, mesmo que não haja um centro comunitário. No entanto, para cerimónias como casamentos, e particularmente antes da fundação do templo Radha Krishna, a comunidade se reunia em salões alugados ou emprestados. Algumas actividades culturais e casamentos foram inicialmente realizados na Igreja de São João de Brito, em Alvalade, na Escola Secundária Humberto Delgado, na Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros e mais tarde num salão alugado, em Sapadores. A Câmara Municipal de Lisboa, na pessoa do então Presidente Eng^o Krus Abecassis, cedeu a título provisório, as instalações situadas na cave de um grande edifício, defronte do Cinema "Novocine", em Sapadores. Com uma área de cerca de 1.600 metros quadrados, além de uma sobreloja de cerca de 400 metros quadrados, na Rua Frei Manuel do Cenáculo no Alto da Eira, em Sapadores, Lisboa, estas instalações, inicialmente foram cedidas por três anos, mas na realidade usufruídas durante cerca de dez anos (1984/94), visto que o Salão de Festas das novas instalações do Paço do Lumiar não estava concluído.



Ceremónia do casamento do Shreeman Vinod Pratapcim e da Shreemati Pratibha Geiantilal, no espaço da igreja de São João de Brito em Alvalade, Lisboa, em 1986. Na fotografia podemos ver, da esquerda para a direita, a noiva, Shreemati Pratibha Geiantilal, o noivo, Shreeman Vinod Pratapcim, o Shreeman Canacrai Chunilal, a Shreemati Hansacumari Dulabdas, a Quissori Pratapcim, a Pratibha Pratapcim e a Shreemati Nalinidevy Puspaceno. Sentados em baixo, podemos ver os pais da noiva, Shreeman Geiantilal Otamchande e Shreemati Puspa Bai Gordhandas e o sacerdote, Shreeman Kirit Shantilal Shukal. Foto, cortesia da Shreemati Pratibha Geiantilal.



Nesta fotografia, tirada no casamento do Shreeman Vinod Pratapcim com a Shreemati Pratibha Geiantilal, no espaço da igreja de São João de Brito em Alvalade, Lisboa, em 1986, podemos ver da esquerda para a direita, as irmãs do noivo, Pratibha Pratapcim (em perfil) e Quissori

Pratapcim, e a acompanhar os noivos, a família Shreeman Dr. Hasmuklal Mulchande, nomeadamente, a Sadna Hasmuklal, a Hema Hasmuklal, a Jalmira Hasmuklal, a Shreemati Najnibala Vithaldas, o Shreeman Dr. Hasmuklal Mulchande e o Micul Hasmuklal. Foto, cortesia da Shreemati Pratibha Geiantilal.



Nesta fotografia, pode-se ver a noiva, a Shreemati Harshica Jassantilal, no dia do seu casamento acompanhada pelos membros da sua família, nas instalações da Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros. De acordo com o Shreeman Dipesh Ramniclal, este foi o primeiro ritual pré-nupcial da comunidade Vanza, conduzido nas instalações da Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros. Na fotografia, sentados, da esquerda para a direita, podemos ver ? (de costas), a Nilma Champaclal, a Shreemati Asmukhi Bai Carsandas, o Shreeman Champaclal Mulchande, a Yoguita Jassantilal, ?, o Anjai Jassantilal, a Shreemati Harshica Jassantilal, a Shreemati Najnibala Vithaldas, o Shreeman Satendra Mulchande, a Shreemati Malti Tribovane, o Milan Satendra (ao colo), a Shreemati Tarulata Vitoldas e o Shreeman Jassantilal Mulchande. Por trás, em pé, a Rashma Jassantilal, a Jalmira Hasmukhlal, o Mitesh Satendra e a Capila Jassantilal. Foto, cortesia do Shreeman Dipesh Ramniclal.



Nesta fotografia, pode-se ver o noivo, o Shreeman Dipesh Ramnical, no dia do seu casamento acompanhado pelos membros da sua família e convidados, nas instalações da Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros. De acordo com o Shreeman Dipesh Ramnical, este foi o primeiro ritual pré-nupcial da comunidade Vanza, conduzido nas instalações da Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros. Foto, cortesia do Shreeman Dipesh Ramnical.



Nesta fotografia, pode-se ver o noivo Shreeman Dipesh Ramnical e a noiva Shreemati Harshica Jassantilal no dia do casamento, acompanhados pelos membros das suas famílias, no salão em Sapadores. Na fotografia, pode-se ver, da esquerda para a direita, a Yoguita

Jassantil, a Rashma Jassantil, a Capila Jassantil, a Shreemati Tarulata Vitoldas, o noivo Shreeman Dipesh Ramniclal, a noiva Shreemati Harshica Jassantil, o Shreeman Jassantil Mulchande, a Parul Jassantil e o Anjai Jassantil. Foto, cortesia do Shreeman Dipesh Ramniclal.



Nesta fotografia, pode-se ver o noivo Shreeman Dipesh Ramniclal e a noiva Shreemati Harshica Jassantil no dia do casamento, acompanhados pelos membros das suas famílias, no salão em Sapadores. Na fotografia, pode-se ver, da esquerda para a direita, a Babita Champaclal, a Shreemati Asmukhi Bai Carsandas, a Nilma Champaclal, o noivo Shreeman Dipesh Ramniclal, a noiva Shreemati Harshica Jassantil, o Shreeman Champaclal Mulchande, a Kamini Champaclal e a Pujya Manchagauri Bai Sobachande. Foto, cortesia do Shreeman Dipesh Ramniclal.

Os Vanzas e Darjis organizaram dois grandes eventos comunitários, um em 1986 nas instalações do Clube de Santo António dos Cavaleiros, em Santo António dos Cavaleiros e outro em 1989 num pavilhão, em Camarate. Também alguns casamentos foram realizados nas instalações do Clube de Santo António dos Cavaleiros.



Instalações do Clube de Santo António dos Cavaleiros, onde em 1986 um grande evento comunitário teve lugar. Alguns casamentos também foram realizados nestas instalações.

O festival de Navratri era celebrado todos os anos na Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros, até 2004, quando o pavilhão provisório do Templo de Shiva foi inaugurado. O festival de Navratri é celebrado, tanto no templo de Radha Krishna ao Lumiar, desde a sua fundação em 1998, como no Templo de Shiva em Santo António dos Cavaleiros, desde 2004. O festival de Navratri também foi celebrado nas instalações da Sociedade Filarmónica Operária Amorense, em Amora, em 1993 e depois por quatro anos consecutivos, numa iniciativa e com orientação do Sr. Paresh Waghela (1928-2005). Os membros da comunidade residentes na area sul do Tejo, juntavam-se aqui para celebrar esta quadra festiva.



Sociedade Filarmónica Operária Amorense, em Amora, no recinto da qual o Navratri foi celebrado entre 1993 e 1997.



A celebração do Festival de Navratri no recinto da Sociedade Filarmónica Operária Amorense, em Amora. Foto, cortesia da Shreemati Vanita Hathalia.

O Sr. Paresh Lauchand Waghela, erudito, respeitado e reconhecido pela comunidade indiana de Portugal, também criou um extenso e notável relatório das árvores genealógicas, exibido em gráficos e escrito como narrativas, das famílias Vanza e Darji originárias de Diu, e que se encontra disponível online, visitando o site *Vanzas and Darjis from Diu, India*. Além disso, a aplicação GenoTab para móveis Apple (iOS) ou Android pode ser descarregada no dispositivo, facilitando aos membros da vasta comunidade Vanza e Darji em todo o mundo a actualização dos seus dados. O site, actualmente é administrado pelo seu filho, Sr. Guirish Paresh Waghela.

The screenshot shows the website interface for 'Vanzas and Darjis from Diu, India*'. On the left is a vertical 'Name Index [by First Name]' with letters A through Z and '<Unknown>', each with a dropdown arrow. The main content area has a title 'Vanzas and Darjis from Diu, India*' and a message: 'You are currently viewing a report of Vanzas and Darjis from Diu, India* containing **4933 individuals** and **1660 families**. Click here for help on accessing this website.' Below this is a black and white portrait of an elderly man with glasses, identified as Paresh Lauchand Waghela (1928-2005). The text dedicates the work to his memory, noting he started the project but did not see the results. It describes the report as covering genealogy trees for VANZA & DARJI* families from DIU, INDIA. A call to action asks for contributions to correct or add information, with a link to contact Guirish Paresh Waghela via email. At the bottom, there is a footer with navigation links: 'About this Site', 'Credits', 'Submit New Names', and 'Last Update: 24th December 2017'. A small box promotes the 'GenoTab app' for mobile devices.

O Sr. Paresh Lauchand Waghela criou um extenso e notável relatório sobre as árvores genealógicas das famílias Vanza e Darji, originárias de Diu, que pode ser consultado online, visitando o site *Vanzas and Darjis from Diu, India*. Foto, cortesia do Shreeman Guirish Paresh Waghela.

O programa de rádio Swagatam, Som do Oriente é emitido todos os Domingos, das 10 às 14 horas na Rádio Orbital, desde 1987. O Sr. Champaclal Mulchande Deuchande, como produtor e realizador, é o animador que há 31 anos mantém o programa no ar. As suas filhas, Babita, Kamini e Nilma foram co-apresentadoras até 2008. O Sr. Champaclal saiu de Moçambique no período da Independência do país, mas a sua origem é indiana, pertencente à comunidade Vanza de Diu. O Gujarati é, também, uma das línguas faladas no programa de rádio e que estabelece a relação com os membros mais numerosos da comunidade indiana a viver em Portugal. Não obstante, o programa é um espaço de divulgação de música e cultura indiana e de boletins de informação das instituições indianas, não se limitando às músicas de filmes. O Swagatam é das poucas manifestações públicas de cultura popular indiana que podemos ainda encontrar nas ondas hertzianas da cidade de Lisboa, sobretudo num período em que a rádio parece ter sido relegada para um plano menor. O programa Swagatam também pode ser ouvido online em www.orbital.pt. Não deixa de ser um dos itinerários mais resistentes e mais visíveis da comunidade indiana de Lisboa.



O Sr. Champacl Mulchande, nos estúdios da Rádio Orbital de onde é transmitido o programa Swagatam, um espaço de divulgação de música e cultura indiana e de boletins de informação das instituições indianas. Foto, cortesia da Shreemati Nilma Champaclal.

Gorbai é um festival colorido e um dos mais importantes dos Vanzas e Darjis e é observado com grande fervor e devoção pelas raparigas que adoram Gauri, a esposa do Deus Shiva. É a celebração da fidelidade conjugal. As raparigas solteiras adoram-na, para serem abençoadas com um bom marido, enquanto que as mulheres casadas o fazem pelo bem-estar, saúde e longa vida dos seus maridos e para uma vida marital feliz.



Festival de Gorbai celebrado pela menina Ravina Yogesh em 2017. Foto, cortesia da Ravina Yogesh.

Existem também associações representativas de vários grupos Hindus em Portugal: Associação Hindu do Porto, Associação Cultural Hindu do Porto, Associação Juventude Hindu de Portugal, Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva (Shiva Temple Social Solidarity Association).

A Associação Cultural Hindu, na Rua da Boa Viagem, no Porto, é um espaço dedicado à cultura e comunidade Hindu. A Associação, da qual o Sr. Paresh Prabhudas Thakrar é o Presidente, promove actividades desportivas destinadas aos jovens e são ensinadas danças tradicionais e o Gujarati.



O templo da Associação Cultural Hindu do Porto. Foto, cortesia da Shreemati Varsá Cantilal.



Nesta fotografia, podemos ver, membros da comunidade no espaço da Associação Cultural Hindu do Porto, nomeadamente, da esquerda para a direita, o Shreeman Atul Taruncanta, a Sonam Atul, o Shreeman Virendra Carsandas, a Shreemati Raguini Taruncanta, a Shreemati Varsá Cantilal, a Shreemati Dhimant Cantilal, o Shreeman Taruncanta Parbudas e o Shreeman Harshil Bhoguendra. Foto, cortesia da Shreemati Varsá Cantilal.

Os movimentos religiosos associados à cultura Hindu, também possuem instituições estabelecidas em Portugal: o movimento Swaminarayan, com um templo construído em Lisboa e o movimento Hare Krishna, com instalações localizadas em Lisboa e no Porto. O Templo Swaminarayan está localizado numa avenida central da cidade de Lisboa (Avenida Gago Coutinho), onde Hindus de diferentes comunidades frequentam serviços religiosos. Em Portugal, estes movimentos atraem devotos de várias comunidades, especialmente em épocas festivas como o Diwali.

A inauguração do novo BAPS (Bochasanwasi Shri Akshar Purushottam Swaminarayan Sanstha) Shri Swaminarayan Mandir em Lisboa, foi celebrada no fim de semana de 27 e 28 de Setembro de 2014, na presença do sadguru Pujya Keshavjivan Swami (Mahant Swami) e Pujya Bhaktipriya Swami (Kothari Swami), bem como de sadhus da Índia e da Inglaterra. O novo mandir serve como centro de serviços espirituais, comunitários e de caridade, para a BAPS Swaminarayan Sanstha em Lisboa e, Portugal em geral. O movimento Swaminarayan é o veículo de transmissão de uma cultura baseada no culto *vaishnava*.

A Associação Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), situada na Rua Dona Estefânia, 91, em Lisboa, propaga o movimento Hare Krishna com a prática da meditação e do Yoga, nomeadamente do Bhakti-Yoga, através do canto de mantras.

Existem ainda dinamizadores de diferentes grupos e movimentos, com impacto sobre a comunidade Hindu, como é o caso do grupo de jovens da Associação de Solidariedade Social Templo de Shiva, da Comunidade Hindu de Portugal, do Sathya Sai Baba Centre, do Swadhyay Parivar, do Pushtimarg e da Brahma Kumaris .

O satsang, é organizado por grupos de mulheres Hindus que se reúnem em suas casas para homenagear as divindades nas formas de hinos e leituras sagradas. O satsang também pretende celebrar o Agyaras (ou Ekadashi / jejum). Durante o Agyaras, no décimo primeiro dia de cada metade lunar do mês Hindu, as mulheres se reúnem para adorar, cantar e até dançar. O espaço doméstico também serve como um local para a celebração de outras datas do calendário Hindu, incluindo as datas de nascimentos e casamentos dos deuses e a leitura do Ramayana.



O templo Swaminarayan.



O templo Swaminarayan.



A Associação Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), situada na Rua Dona Estefânia, 91, em Lisboa, propaga a prática da meditação e do Yoga, nomeadamente do Bhakti-Yoga, através do canto de mantras.



Os devotos e simpatizantes do movimento Hare Krishna participam dançando e cantando Hare Krishna Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare, numa rua de Lisboa.

Fundada em Lisboa em 1982, a Brahma Kumaris - Academia para um Mundo Melhor, tem prestado serviços à comunidade, seja através das suas actividades curriculares ou por acções organizadas em escolas, hospitais e outras associações. Esta organização visa o desenvolvimento dos valores humanos e espirituais na sociedade.

Devido ao seu trabalho de carácter voluntário direccionado para a comunidade, esta organização recebeu o estatuto de Instituição de Utilidade Pública (D.R II s n.º 190 de 19-08-98), do Governo Português, o que possibilitou a cedência a título definitivo em 2001, de um imóvel sito na cidade de Lisboa, para a ampliação das actividades da organização.



As instalações de Brahma Kumaris - Academia para um Mundo Melhor, localizada na Rua do Guarda - Jóias, 52, em Lisboa.

Assistindo cinema Hindi

Em Abril de 2013, a produtora de filmes indianos, PVP Cinema, juntamente com AA Globe Services (empresa internacional de logística responsável pelas produções indianas), escolheu Portugal como destino para as filmagens do seu filme telugu, Balupu; duas sequências de música e dança foram filmadas em Lisboa e no Algarve. A última vez que um filme Hindi foi rodado em Portugal, foi em 1979, The Great Gambler, quando Amitabh Bachchan e Neetu Singh dançaram em áreas emblemáticas de Lisboa. Seguindo o exemplo da Espanha, onde a filmagem do filme Zindagi Na Milegi Dobara (2011), resultou em um crescimento significativo do turismo indiano, Portugal pretende posicionar-se como um destino para a indústria cinematográfica indiana.

Nos anos 1990 e 2000, além da exibição esporádica de alguns filmes em Hindi - e sucessos como Monsoon Wedding (Mira Nair 2001) e Water (Deepa Mehta 2005) - em cinemas portugueses, os filmes em Hindi foram exibidos apenas no cinema Cine Estúdio 222, localizado no centro de Lisboa, no número 37 da Avenida da Vitória, junto à Praça do Duque de Saldanha. Actualmente o lugar está vago. A sala de cinema existente neste espaço comercial já se encontrava aberta ao público, mas a exibição de filmes em Hindi só surgiu no final dos anos 90, orquestrada por um dos gerentes, Sr. Dhimante Cundanlal, que encorajou a exibição pública de filmes em Hindi em Lisboa. Assim, permitiu que o Cine Estúdio 222, se tornasse “um espaço para a disseminação da cultura Indiana” durante os fins de semana. A destacar, o Sr. Dharendra Dulabdas foi o pioneiro na aquisição e projecção de filmes Hindi,

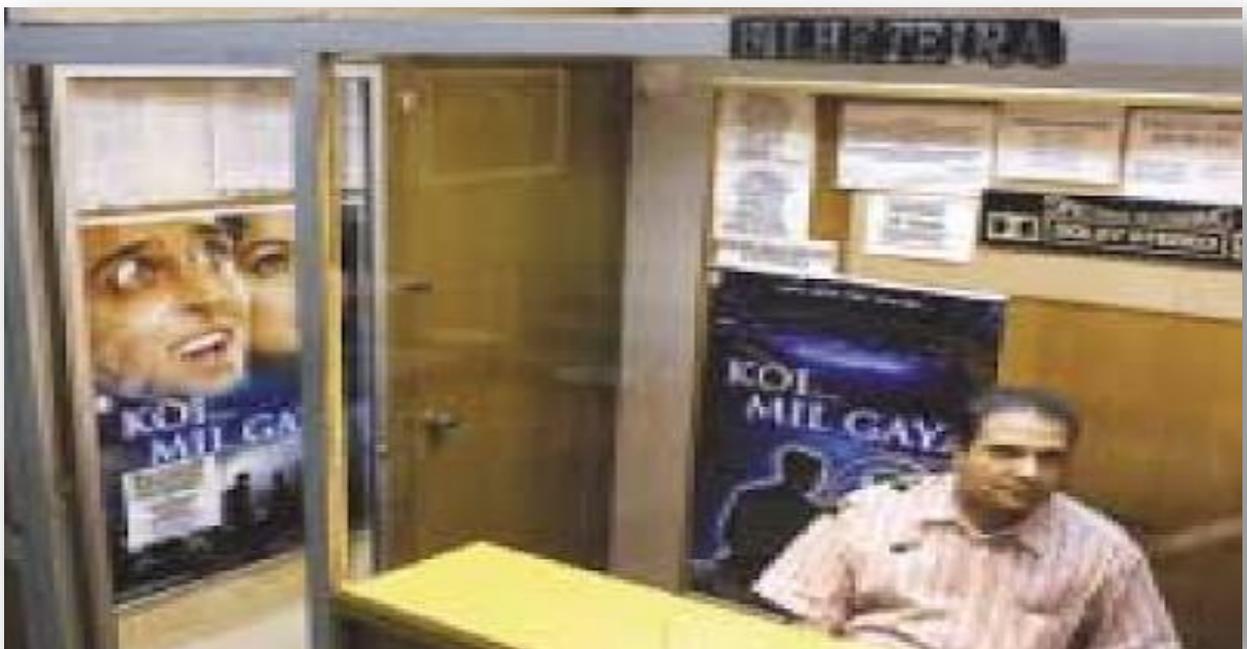
em Lisboa nos anos 90, inicialmente, para o cinema Anusha no Centro Comercial da Portela e depois para o Cine Estúdio 222. A tradução e legendagem eram também feitas pelo Sr. Dhirendra Dulabdas juntamente com o seu filho, Nuno Dhirendra. No entanto, a aquisição, a legendagem e a projecção final se mostraram muito caras. A exibição pública de filmes em Hindi não poderia lidar com o consumo de DVDs - vendido em lojas indianas - e com o acesso a canais via satélite e a internet para espectadores de origem indiana. Assim, em meados de 2000, a projecção de filmes em Hindi na tela grande, deixou de existir, deixando o acesso ao cinema indiano ainda mais difícil para o público indiano em geral. O canal privilegiado para o público desse cinema é a internet. O público indiano, em geral, e Vanzas e Darjis e outros Gujaratis, em particular, têm acesso directo aos filmes em Hindi através de DVDs, ou através da televisão a cabo (ou seja, canais de televisão como Zee TV e B4U, entre outros).



Fachada do Cine Estúdio 222. O Cine Estúdio 222 localizado na Avenida Praia da Vitória, 37, em Lisboa.



Interior da sala do cinema do Cine Estúdio 222.



Na cave do Cine Estúdio 222. A única sala de cinema em Lisboa, que passava filmes Hindi. Nesta fotografia podemos ver o gerente, Shreeman Dhimante Cundanlal.

A Casa de Goa, Associação de Goa, Damão e Diu

A maior e mais antiga organização goesa em Portugal, é a Casa de Goa. Fundada em 1987 em Lisboa, a Casa de Goa é uma associação cultural que reúne a comunidade goesa em Portugal. O impulso para a criação desta organização veio após o influxo de goeses de Moçambique nos anos 70, o que ajudou

a fornecer uma base de membros suficiente que até então faltava. A partir de 1998, por decreto do Primeiro Ministro de Portugal, foi reconhecido como instituição de utilidade pública.

A Casa de Goa, Associação de Goa, Damão e Diu, antes designada por Casa de Goa, tem a sua sede localizada no Baluarte do Livramento, Calçada do Livramento, 17, na freguesia da Estrela, no concelho e distrito de Lisboa. A Casa de Goa, Associação de Goa, Damão e Diu, procura promover a cultura goesa em Lisboa e mantém com a Junta da Freguesia da Estrela, um Protocolo de Cooperação, celebrado no dia 7 de Fevereiro de 2017, e tendo este como objectivo a cooperação entre elas através da divulgação de actividades de natureza cultural e recreativa. Esta instituição visa afirmar a Casa de Goa como uma instituição representativa dos Goeses e Amigos de Goa, dos Goeses e da sua Cultura através da transmissão dos valores culturais de Goa, Damão e Diu.

As principais actividades desta associação são de natureza cultural e social, como a hora do chá, onde os membros da comunidade desfrutam de comida, música e memórias antigas de Goa e também participam de jogos e competições. Todas as festas religiosas - Natal, Ganesh Chaturthi e Id são celebradas pela associação. Há aulas de yoga durante toda a semana, exposições ocasionais de pintura, lançamento de livros e conferências. Os membros comem, bebem e cantam. A associação também organiza festas, apresentações musicais e um Goa Lyceum. Os cursos oferecidos são, gastronomia goesa e vários desportos populares da Índia, como o carrum e críquete. Através dessas actividades, os goeses tentam manter a sua identidade viva e manter os seus laços com Goa. A associação também ajuda os recém-chegados da Índia, fornecendo-lhes informações sobre onde obter os seus documentos, regras e regulamentos, ajudando-os a legalizar e traduzir os seus documentos e fornecendo serviços de apoio jurídico.



No dia 7 de Fevereiro, 2017 foi celebrado o Protocolo de Cooperação entre a Junta de Freguesia da Estrela e a Casa de Goa, Associação de Goa Damão e Diu. Nesta fotografia podemos ver, da esquerda para a direita, o Presidente da Junta, Dr. Luís Newton, o Presidente da Direcção da Casa de Goa, Dr. Edgar Valles e o Vice-Presidente da Casa de Goa, Sr. António Rodrigues.

Embaixada da Índia em Lisboa, Portugal

A Embaixada da Índia em Lisboa, Portugal e a Embaixada de Portugal em Goa, na Índia, são produto de relações bilaterais indo-portuguesas, que foram estabelecidas durante o Primeiro Ministro interino Jawaharlal Nehru, em 1949. No entanto, a Embaixada da Índia em Lisboa, Portugal e a Embaixada de Portugal na Índia foram encerradas em 1953 e 1955, respectivamente. As relações entre as duas embaixadas foram restauradas após o restabelecimento do governo democrático em Portugal, em 1974. Depois disso, foram assinados muitos acordos no campo da Cooperação Comercial, Económica e Industrial e Técnica entre a Embaixada da Índia e a Embaixada de Portugal, para fortalecer as relações diplomáticas. Ambas promovem a cultura e o turismo dos seus próprios países e juntas assinaram muitos acordos culturais bilaterais.



Conclusão

A tradição de migração de Vanzas e Darjis e de outros Gujaratis para Portugal está ligada ao passado colonial deste país. As relações com as províncias da Índia (Goa, Damão e Diu) colonizadas por Portugal, e de África, com foco particular em Moçambique e Angola, onde essas comunidades foram estabelecidas, favoreceram a migração das comunidades Gujarati para Portugal, no final da década de 1970.

Principalmente dedicada ao comércio, a população Gujarati conseguiu encontrar estratégias criativas que contribuíram para o seu sucesso comercial. No entanto, a crise económica que Portugal está a viver, levou à partida de muitos Gujaratis e Vanjas e Darjis para o Reino Unido, mas também um retorno a Moçambique, realizado especialmente por profissionais especializados. Os Vanzas e Darjis e outros Gujaratis de Portugal, estabeleceram-se em várias áreas urbanas do Reino Unido, como Southall, Wembley, Grande Londres e arredores, Leicester, Reading, Bracknell, Cheltenham, Bristol e Farnborough.

Apesar da conservação de suas heranças culturais tradicionais, diferentes grupos desenvolvem estratégias de integração positivas, especialmente entre os jovens. As políticas progressivas de imigração portuguesas, permitem usufruir dos vários apoios sociais, particularmente na saúde, educação e habitação.

Portugal tem registado, desde 2003, uma evolução muito positiva, quer no âmbito das políticas, quer das práticas de acolhimento e integração de imigrantes, para a qual têm contribuído, não só as intervenções do Estado a nível nacional, mas também das autarquias, das organizações da sociedade civil e das próprias comunidades imigrantes. São exemplo disto, tanto os Planos Nacionais para a Integração de Imigrantes 2007-2009 e 2010-2013 e, mais recentemente o Plano Estratégico para as Migrações 2015-2020, como também planos a nível local.

Os Vanzas e Darjis e outros Gujaratis têm uma imagem positiva na sociedade portuguesa. O aumento das associações religiosas e culturais, bem como as actividades realizadas por estas (dança, gastronomia, música, etc) ajudam a atrair a sociedade envolvente e integra-la em suas actividades culturais. Houve um diálogo inter-religioso entre as diferentes comunidades indianas (Hindus, Muçulmanos e Ismaelitas), e entre estas comunidades e a Igreja Católica Portuguesa. Isso resultou na coexistência pacífica entre as comunidades de origem indiana e a sociedade portuguesa mais ampla.

Internamente heterogéneos, compostos de grupos com diferentes origens regionais, sociais e económicas, os Vanzas e Darjis e outros Gujaratis desenvolveram uma identidade coesa, que é reforçada por uma base religiosa. Diferenças internas entrelaçam-se com uma unidade comum devido à necessidade de preservar a harmonia e o *dharma* dentro do grupo.

Dipac Canacsinh



Fado - A Alma da Música Portuguesa

Fado - A Alma da Música Portuguesa

Fado, é uma forma de canto português frequentemente associado a pubs, cafés e restaurantes. Este género musical tem origens muito antigas, mas é geralmente conhecido como tendo originado em

1820, em Portugal. O fado é geralmente conhecido por ser de natureza muito expressiva e profundamente melancólico.

Geralmente no fado, o cantor relata as duras realidades da vida diária, equilibrando tanto a resignação como a esperança, de que uma resolução para os seus tormentos ainda possa ocorrer. Pode ser descrito usando a palavra portuguesa “saudade”, que demonstra um sentimento de perda. Esta perda é geralmente permanente ou de longo prazo. O fado é frequentemente acompanhado por uma ou duas guitarras de doze cordas, uma ou duas violas e, por vezes, uma pequena guitarra baixa de oito cordas.

Agradecimentos

Eu estendo o meu profundo sentimento de agradecimento a todos aqueles que me disponibilizaram as fotografias usadas neste artigo, nomeadamente o Shreeman Mansih Getalal, o Shreeman Vinesh Santilal, a Shreemati Dhimant Cantilal, a Shreemati Dra. Pratima Isvarlal, o Shreeman Júlio Jaicante Pramodrai, o Shreeman Anjai Jasantilal, a Diya Dipac, o Shreeman Dipesh Ramniclal, a Shreemati Varsá Cantilal, a Shreemati Taruna Motichande, o Shreeman Guirish Paresh, o Shreeman Champaclal Mulchande, a Shreemati Nilma Champaclal, o Shreeman Bharat Getalal, a Shreemati Pratibha Geiantilal, a Shreemati Vanita Hathalia, a Shreemati Jagruti Mukesh Purohit e a Ravina Yogesh. Agradeço também à Investigadora Integrada do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CIES-IUL e Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Métodos de Pesquisa Social, ESPP, Rita Ávila Cachado, por me ter cedido as fotografias ilustrativas do templo Jai Ambé Mandir.

Agradeço ao membro da comissão da Confederação Portuguesa do Yoga, Sra. Chandra Deví, que gentilmente me disponibilizou as fotografias que ilustram o lançamento da primeira pedra da construção do novo Templo de Shiva. Além disso, agradeço à embaixadora, Sua Excelência a Sra. K. Nandini Singla, por me ter autorizado a publicação dessas mesmas fotografias.

Embora todos os cuidados tenham sido tomados para manter este artigo lícido, preciso e conciso, é possível que alguns erros se tenham infiltrado. Por isso, peço aos prezados leitores que desculpem qualquer erro ou omissão, para apreciar a essência da história da nossa migração.